

FRONTEIRAS

Izabela Leal

UFPA

são três e trinta e cinco. atravesso a rua para comprar cigarros. o calor é sólido, tem corpo próprio, sinto sua presença no peito. os passos são pesados, não me movimento bem sob o calor. meu corpo e o corpo desse calor, que recuso e aceito, sem escolher entre a aceitação e a recusa. o calor me pesa, como um corpo pesa depois do amor. recusado e aceito. é domingo, a rua está vazia. os prédios são enormes, os prédios pesam. da rua não se vê o rio, mesmo que ele esteja próximo. da cidade é difícil ver o rio. quando vejo o rio, vejo o limite da cidade. o rio não é um rio. o rio pesa. eu não sei quando vejo o rio e quando vejo o mar. não sei se o rio é o mar ou se o mar é o rio. a cidade é uma península. do rio é fácil ver a cidade. outra cidade. os prédios são pequenos, parecem de brinquedo. uma cidade de brinquedo. do outro lado do rio só há o verde. o verde pesa. talvez o verde ainda seja a cidade, talvez a cidade ainda seja o rio. não sei se a selva é de árvores ou de concreto ou se sob o solo há muita água, por baixo das avenidas. quando chove, confundo a cidade com o rio. são três e trinta e cinco, dirijo-me ao jornaleiro. uma garça atravessa a calçada da praça.

AFETOS

divido-me agora entre duas cidades. embaralho raízes e galhos, nomes lugares afetos. muitas ruas têm o mesmo nome. os nomes são traços. escuto os nomes, não reencontro os espaços. o nome da minha rua é o nome de uma praça de copacabana. o nome é familiar. às vezes penso no nome da praça de copacabana, nunca penso na praça de copacabana. a luminosidade é distinta. da janela vejo uma paisagem que já considero minha. é uma espécie de traição. conheço-a em seus detalhes, amorosamente, como se conhece o corpo de um amante. a quantidade de folhas nas árvores, os tons que variam durante o ano. há uma árvore que está nua. as folhas brotarão quando começar a chuva. o barulho da rua é semelhante ao da cidade que era a minha. na cidade que era a minha também há muitas árvores e maritacas que voam na hora da chuva. não são as mesmas árvores. as garças se alojam nas árvores pontualmente às seis da tarde. as garças são flores brancas nas árvores. na cidade que era a minha não há garças nas árvores. contemplo o pouso das garças todos os dias. elas são minhas. elas não sabem que são minhas. amo-as incondicionalmente.

MINICURRÍCULO:

Izabela Leal é professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA). Tem Mestrado em Literatura Portuguesa pela PUC-Rio com dissertação sobre Camilo Pessanha e Doutorado em Literatura Portuguesa pela UFRJ, com tese sobre Herberto Helder. Publicou junto com Gilda Santos o livro *Camilo Pessanha em dois tempos* (2006) e junto com Caio Meira e Ana Alencar o livro *Tradução literária: a vertigem do próximo* (2011).